

## Geórgia e Rússia: conflito no Cáucaso ou entre Oriente e Ocidente?

### *Georgia and Russia: conflict in the Caucasus or between the East and the West?*

JOÃO FÁBIO BERTONHA\*

Meridiano 47 n. 99, out. 2008 [p. 3 a 5]

O conflito entre a Geórgia e a Rússia, alguns meses atrás, foi rapidamente resolvido, com a derrota da Geórgia e uma impactante reafirmação de potência por parte de Moscou. As implicações para a política e a geopolítica mundiais, contudo, são muito mais abrangentes e, neste pequeno texto, adiantam-se algumas questões e problemas que este breve conflito trouxe para as relações entre as grandes potências mundiais e a Rússia.

O conflito em si, realmente, não requer muito esforço explicativo. Durante o processo de desagregação da URSS, vários povos e nacionalidades ficaram do “lado errado” da fronteira, com imenso potencial para conflitos e disputas. A Rússia, desde então, considera as regiões da Ossétia do Sul e da Abecásia como, se não parte do seu território, ao menos áreas quase soberanas. De qualquer modo, a autoridade da Geórgia ali era questionada tanto pelas populações locais como por Moscou.

O presidente georgiano, Mikheil Saakashvili, resolveu se aproveitar do fato do mundo todo estar de olho nas Olimpíadas de Pequim (e de Vladimir Putin estar lá, para a abertura) para lançar um ataque relâmpago e retomar o controle dessas regiões, forçando a Rússia a aceitar o fato consumado. Ao fazê-lo, seu capital político interno cresceria imensamente, como o reunificador do território nacional e seria mais fácil pedir a entrada na OTAN e na União Européia, já que não ter problemas de fronteiras é um dos requisitos chave.

Sua aposta era alta, mas ele confiava, em essência, em vários fatores: a paralisia da liderança

russa, dada a ausência de Putin; a fraqueza russa em termos militares e seu medo de confrontar o Ocidente e, acima de tudo, o apoio dos Estados Unidos. A Geórgia é um dos aliados mais fiéis a Washington (tendo enviado milhares de soldados para o Iraque) e, com o apoio de George W. Bush, a Rússia não ousaria enfrentá-lo. Grandes ganhos potenciais, poucos riscos. A aposta valia a pena.

O problema é que sua aposta, em essência, falhou em todos os lances. O novo presidente russo, Dmitri Medvedev, rapidamente tomou a decisão de revidar e Vladimir Putin logo voltou de Pequim; o Exército russo se revelou capaz de derrotar os georgianos com facilidade e a Rússia não se intimidou frente ao Ocidente. Pelo contrário. Pareceu até satisfeita de ter a oportunidade de demonstrar que americanos e europeus não teriam mais carta branca no seu quintal. E os Estados Unidos, por fim, não mexeram um dedo para ajudar Tbilisi, numa demonstração cabal de reconhecimento de limites e realismo.

Pode-se identificar, imediatamente, uma nova situação estratégica se formando naquela região do mundo. Moscou não vai mais ficar de braços cruzados enquanto as bandeiras estreladas da UE, da OTAN e dos EUA são hasteadas por todo canto. A Rússia já perdeu o Leste europeu e os países bálticos e está deixando claro que não apenas não vai aceitar que Ucrânia ou Geórgia migrem para o campo ocidental, como que, agora, se necessário, vai usar a força para impedi-lo. Se o Exército russo ousará invadir a Ucrânia, por exemplo, se esta entrar na OTAN, é discutível, mas a ameaça está, mais do que nunca, no ar.

\* Professor da Universidade Estadual de Maringá – UEM (fabiobertonha@hotmail.com).

Outro fato claro é o reconhecimento americano de que a Rússia voltou a ser a potência militar incontestada na região. A ação russa ao invadir a Geórgia mostrou um exército em recuperação, mas ainda bem distante do poder ocidental. Colunas de tanques e infantaria com material mais ou menos antigo, pouca coordenação tática, escasso uso de drones de coleta de informação... Eis o quadro do Exército russo, cujas colunas, se fossem atacadas por ondas de aviões e mísseis ocidentais, seriam provavelmente eliminadas.

Mas a Rússia – isto ficou claro – não precisa ter um exército melhor do que os do Ocidente para exercer poder naquela região, mas apenas um melhor do que os dos vizinhos. E isso ela demonstrou ter. Se os Estados Unidos decidissem usar todos os seus recursos militares para defender a Geórgia e derrotar a invasão russa, isto seria possível, ainda que a localização geográfica desta seja um pesadelo logístico. Mas isso seria uma catástrofe política e um dreno acima do possível dos atuais recursos militares dos EUA. Assim, apenas com o exército que demonstrou ter, Moscou já tem condições de exercer mais pressão sobre os vizinhos do que antes e deixou mais claro do que nunca, para estes, que ela é a força central ali e que não devem esperar demais do Pentágono.

Como estes vizinhos vão reagir, é uma das questões centrais. Desde o fim da URSS, as ex-repúblicas soviéticas gravitam, mais ou menos, em torno de Moscou, mas tentam sair do abraço do urso, seja em direção ao Ocidente, seja em direção da China. A prova de força russa pode assustar a todos, fazendo-os tentar se aproximar da Rússia, ou pode ter o efeito contrário, estimulando-os ainda mais a procurar a proteção da União Européia, da China e dos EUA.

Tudo vai depender, claro, da reação desses países e como eles vão administrar os apelos desses pequenos países. Para a China, a desagregação da União Soviética foi um presente dos céus, pois eliminou um vizinho poderoso ao norte e abriu os recursos das antigas repúblicas soviéticas da Ásia para si. Desde então, Rússia e China tem tido relações cordiais, mas desconfiadas. Um esforço mais intenso de Moscou para controlar seu “espaço interior”

incomodará inevitavelmente Pequim, que pode fazer um acordo com Moscou ou enfrentar os russos no Casaquistão ou Uzbequistão.

O mesmo com relação à Europa. Os europeus ainda digerem os últimos alargamentos da União, dependem do gás russo e estão assustados com a idéia de ter que combater a Rússia em defesa de algum país remoto do Leste Europeu, pelo que a maioria hesita em deixar mais países entrarem na União e, especialmente, na OTAN. Seus interesses e percepções estratégicas diferem e não espanta que, como sempre, a Europa esteja dividida. Caso Ucrânia ou Moldova insistam em entrar na União Européia e na OTAN e Moscou ameaçar com retaliações, esta divisão só tende a aumentar.

Os Estados Unidos estão, previsivelmente, irritados com a Rússia e, se pudessem, provavelmente já teriam reagido com a força. A relação entre os dois países chegou a níveis tão baixos que eles agora estão fazendo provocações quase teatrais um ao outro, como quando navios de guerra americanos entram no mar Negro para entregar ajuda humanitária aos georgianos e uma frota russa desfralda suas bandeiras no mar do Caribe, em aliança com Hugo Chávez. Mas fato é que as opções americanas são, dada a situação estratégica da Geórgia, pequenas, a não ser insistir, como tem insistido, para que ela seja admitida na OTAN, o que lhe daria proteção.

Este é um exercício interessante. Se a OTAN tivesse admitido a Geórgia alguns meses antes da guerra, como ela queria, o que poderia ter acontecido? A Rússia teria tido coragem de atacar um Estado membro da aliança ocidental? E os ocidentais, teriam reagido ou engolido a humilhação? Um problema que, nesta guerra, não se manifestou, mas que poderá surgir no futuro, pelo que a decisão de admitir Geórgia, Ucrânia ou Moldova nas duas organizações ocidentais é das mais sérias e cheias de desdobramentos.

Enfim, o futuro daquela região está mais nas mãos das grandes potências do que dos atores locais. A Rússia indicou que se sente novamente uma potência mundial e voltou a ser o ator central da geopolítica local, fazendo os que até então se sentiam livres para agir repensarem as suas ações. Se isso vai significar conflito, com vitória ou retirada russa, ou

negociação, não se sabe. Mas são desdobramentos interessantes para uma decisão de um presidente georgiano que deveria, no dia fatídico, ter ficado em casa assistindo à abertura das Olimpíadas pela TV.

Recebido em 05/10/2008  
Aprovado em 10/10/2008

**Palavras chaves:** Geórgia, Rússia, Estados Unidos

**Key words:** Georgia, Russia, United States

**Resumo:** o artigo trata da reação da Rússia ao ataque da Geórgia a Ossétia do Sul, área onde a maioria

da população é de origem russa. O posicionamento russo surpreendeu os Estados Unidos e a União Européia e deve conter a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

**Abstract:** The article deals with Russia's reaction towards the attack of Georgia against South Ossetia, an area predominantly inhabited by a population of Russian origin. Russia's position has taken the United States and the European Union by surprise and should contain the expansion of the North Atlantic Treaty Organization (NATO).

